# SAUDANDO OSWALDO RIEDEL

RAIMUNDO GIRÃO

A capital cearense a bem dizer começou a ter expressão de cidade na década de 1860. Os calçamentos de suas pequenas ruas eram muito poucos, as casas pobres, a iluminação rudimentar, de azeite de peixe. De educandário, apenas o Liceu de 1845. Nenhuma livraria, comércio sonolento. Faltava-lhe vida, movimento, calor.

Mas em 1863 os Costa Mendes fundam o Ateneu Cearense, de orientação pedagógica adiantada, instala-se em 1864 o Seminário da Prainha, para a formação de sacerdotes e no ano seguinte o Colégio da Imaculada Conceição, destinado à educação de môças. As transações comerciais animaram-se com a vinda regular dos navios da Booth Line e da Red Cross. Novas construções, de melhor padrão, algumas assobradadas.

A década de 1870 abriu-se promissora, e exultou e se espantou a gente da urbe com a agilidade e cintilância intelectual dos rapazes da chamada Academia Francesa do Ceará. Só esta encheu de assunto o vazio da indiferença pelas coisas do espírito, porém morreu mal completava três anos de agitação animosa. O que ela fêz nunca irá para o esquecimento: "deixou imperecível sulco no pensamento, não só cearense como brasileiro". De 1872 a 1875.

Neste último ano, já no fim, outros jovens, na maioria preparatorianos, criam o Gabinete Cearense de Leitura, em cuja biblioteca se arrumavam perto de dois mil volumes. Primou pelas suas conferências públicas e o curso de instrução primária que mantinha.

Êsse mesmo Gabinete é que inspirou o presidente da Província na aprovação dos estatutos do Instituto Histórico e Geográfico Cea-

rense, fundado em 6 de novembro de 1877. Dá-nos conta o Barão de Studart de que a sociedade assim fundada "não foi adiante, morrendo logo ao nascer". Não nos diz o autor de *Datas e Fatos* quais os fundadores e o motivo da frustração, podendo-se supor não fôsse outro senão o desânimo e a angústia em que se encontrou naqueles momentos esta Província nordestina, fustigada pelas inclemências da longa sêca dos dois sete, sòmente molhada de nôvo a terra pelas chuvas no ano de 1880.

Dez anos decorreram, e em 4 de março de 1887 criou-se o Instituto do Ceará, congregados para formá-lo doze estudiosos da História e da Geografia: três advogados — Paulino Nogueira, Virgílio de Morais e Virgílio Brígido, dois médicos — Guilherme Studart e José Sombra, dois professôres — Joaquim Catunda e Antônio Augusto de Vasconcelos, um padre — João Augusto da Frota, e os outros, funcionários públicos — Antônio Bezerra, Juvenal Galeno, Júlio César da Fonseca e João Batista Perdigão de Oliveira.

Catunda e Galeno, maiores de 50 anos, já tinham livros publicados. Da casa dos quarenta — Antônio Bezerra, Paulino Nogueira e Virgílio de Morais. Na dos 30, os restantes, sendo Studart o mais môço, com 31. Um instituto de amadurecidos, pode afirmar-se, e a um de 45 coube a presidência.

Diferente do de 77, o de 87 teria longevidade e fôrças orgânicas para robustecer-se. Neste ano, Fortaleza não contava mais que 26 943 pessoas, morando em 4 447 casas de tijolo e telha, 72 sobrados e 1 878 palhoças.

Já excitava aquêles habitantes o espírito de cidade, a convicção do seu valor cívico, do seu poder de luta pelas nobres causas, de suas disposições de vontade e pensamento.

De tais qualidades se esmaltaram, mais que dos outros, os pendores de alguns para o trabalho constante e proveitoso do amor da pesquisa, do aprofundamento curioso e insatisfeito em busca da explicação dos atos humanos, da identificação da verdade na confusão das dúvidas.

Paulino Nogueira, Antônio Bezerra, Perdigão e, sobretudo, Studart destacam-se nessa porfia de garimpagem. Não sabiam descansar e a sucessão de suas produções tem a forma do parafuso sem fim.

Studart pôde fazer mais, muito mais porque mais tempo durou nessas buscas absorventes e lhe favoreceram meios econômicos mais pródigos para a realização de obra de maior volume e de mais consistência. Varou a sua idade de 82 janeiros — nasceu a 5 de janeiro de 1850 — na continuidade diuturna do artesão paciente, medindo tudo para que a peça resultasse perfeita. Paciente na lucubração, era um impaciente do querer sempre mais, obstinado no exigir de si próprio outro esfôrço seguido ao esfôrço anterior, como quem tem sêde insaciada, ou a fome do esfomeado.

Conseguiu dêsse modo ir aonde muitos raros chegaram na preparação do documentário histórico de um dado povo, em estudos e li-

vros que não têm conta e cada qual se vaza na mais estreme legitimidade.

Pela devoção à Historiografia do seu Estado abandonou a profissão de médico, sem todavia esquecer a qualidade de médico ilustre que foi, sempre solícito na defesa dos superiores interêsses da Medicina, e integrou-se de alma e corpo à colheita dos arquivos e das bibliotecas, à coordenação do que havia disperso, à divulgação do que as gavetas seqüestravam ao conhecimento necessário, à perpetuação do que as traças e intempéries se comprazem em destruir.

Agigantou-se nisto. Cresceu às alturas de mágico dos segredos só desvendados pela teimosia e habilidade de quem os procura descobrir. Surpreendeu como inventor das mais belas coisas escondidas.

Desvelou-se pelo Instituto do Ceará de 1887 e por decênios o carregou às costas, até não mais poder resistir ao chamado definitivo, em 1938. Foi um contumaz, um apegado ao desígnio de trabalhar por êle. Fê-lo subsistir quando se pensava que morria e projetou-o no País, além do País, quando nem se acreditava pudesse vencer o círculo fechado da indiferença dos conterrâneos. Pedra por pedra ergueu o palácio de sua obra cultural e, às vêzes, quando olhava em derredor, apenas via a própria sombra. Pedia a amigos mais diletos que concordassem em ser sócio do Instituto, só por sê-lo, sem maior ônus do compromisso, e para sustentá-lo tinha como dominante idéia a de não interromper a sua Revista, já consagrada no interêsse de escritores e organizações culturais brasileiras, da Europa, dos Estados Unidos e da Sul-América.

Fôsse por acendrada e irresistível afeição aos estudos da História ou por deliberada intenção de legar aos pósteros melhores elementos com que manipular a nossa interpretação histórica, indeclinável é que o Barão de Studart, as coleções do Barão, o seu documentário, as suas revelações passariam a constituir fonte inexaurível e fácil de manusear para os que, depois dêle, se têm dedicado às questões da História do Ceará. Teve-se como axiomático tudo o que Studart afirmava e não havia coragem para ir-se além dêle, no pressuposto de que êle era intocável, era o resumo de tôdas as soluções. Mas do grande bem que nos ofereceu gerou-se o mal de não nos resolvermos, com decisão, a fazer o que não fêz, e fazer o que foi e é necessário fazer depois que o seu coração parou.

Vai para trinta anos que isto aconteceu e nós do Instituto o deploramos, sem o mínimo gesto de continuar as suas vigílias, todos confiados nos assertos do Barão, nos roteiros do Barão, nas notícias do Barão.

Quem o substituiu na direção do Grêmio, possante de cérebro, de saber, de equilíbrio orientador, de desvêlo pelos deveres do cargo — Tomás Pompeu Sobrinho, teve o dom de revitalizar o Instituto, de orná-lo com a integração de lúcidas inteligências e boas culturas no seu quadro de sócios, e o de reuni-los no dia-a-dia de uma convi-

vência que eu direi deliciosa, como se fôra — e era — o Mestre da bondade cercado de discípulos atentos das belezas de suas lições.

Passou o nôvo presidente a dar sistema às atividades da instituição e elaborou, no tocante à História, vasto plano de estudos exaustivos em relação ao Ceará, empregada a expressão *exaustiva*, segundo as suas palavras mesmas, "para significar que a obra deve consignar não sòmente os fatos já conhecidos, mais ou menos divulgados, como também os que resultarem de minuciosas investigações novas, num vasculhamento demorado e profundo de tôdas as fontes capazes de uma exploração fecunda". Conseguir-se-á a execução total dêsse planejamento "com uma parte monográfica, de caráter analítico, miùdamente detalhada e especializada, que constituirá seguramente quatro quintos da obra, e outra parte sintética, espécie de resumo geral, estruturando orgânicamente os grandes acontecimentos dentro de um quadro lógico.

Era um desafio, quase insolente, aos brios da capacidade do Instituto, a que êste infelizmente não despendeu, senão em diminuta porção, com o preparo de ùnicamente 7 das 40 projetadas monografias: *História Econômica*, de nossa autoria, a primeira a sair, *Pré-História Cearense* e *Proto-História Cearense*, de Pompeu Sobrinho, *História Militar*, de Eusébio de Sousa, *História das Sêcas* (1.ª parte), de Joaquim Alves, *História das Sêcas* (2.ª parte), de Pompeu Sobrinho, e *História da Literatura Cearense*, de Dolor Barreira, esta de porte monumental, em 5 volumes, dos quais já se publicaram quatro. O resto está por fazer e são passados anos do lançamento do plano admirável.

No que respeita às excogitações geográficas, ainda não planejadas, pode dizer-se indigente a nossa produção. Como que temos mêdo da Geografia ou, qual adverte Parsifal Barroso, contagia-nos, como aos demais brasileiros, a falta de uma consciência geográfica, como se todos duvidássemos de sua validade científica. "Mesmo quando suas diretrizes dizem respeito aos graves temas da Geopolítica ou da Geografia Econômica, persiste o desinterêsse e o povo continua a aceitar, apenas, as descrições geográficas." E acrescenta: "Parece-me que dentre as cousas determinantes dessa falta de consciência da realidade geográfica, pode ser apontada a circunstância de que, na prática, ninguém sente nem constata a eficácia das verdades com o interêsse nacional. Se é verdade que o Brasil sofre as conseqüências dessa mentalidade, também é certo que em relação ao Ceará essa indiferença ainda mais se agrava, talvez porque o cearense fàcilmente tende a realçar a parte negativa do caráter nacional. Em que pêse ao dedicado esfôrço dos nossos geógrafos em favor de suas teses, nenhum conseguiu formar correntes de opinião em tôrno da mais convincente verdade, de interêsse coletivo, como aconteceu com o maior dêles — Pompeu Sobrinho —, ao formular o princípio da solução ecológica para a superação das dificuldades cearenses."

Temos no seio do Instituto cabeças capazes de uma realização profícua nesta ordem de conhecimentos científicos, mas Pompeu só não ficou sòzinho porque Guimarães Duque disse presente ao apêlo da Geografia, com os seus notáveis *Solo e Água no Polígono das Sêcas* e *O Nordeste e Suas Lavouras Xerófilas*. A alentada obra de Renato Braga, desgraçadamente suspensa com a sua morte tão chorada, ficou no terreno da simples dicionarização, não tendo portanto o cunho das conclusões científicas de Pompeu Sobrinho e Guimarães Duque. Dos que se foram, citam-se Tomás Pompeu de Sousa Brasil, padre Rodolfo da Cunha, Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos, Álvaro Gurgel de Alencar e Antônio Teodorico da Costa como afeiçoados de tais estudos, mas o que escreveram sôbre êles revestem a forma sêcamente expositiva, sem melhores resultados exegéticos. Dos atuais, Francisco Alves de Andrade, Denizard Macedo, João Hipólito Campos de Oliveira, José Bonifácio de Sousa constituem fagueira esperança para a composição do nosso grupo de geógrafos, dotados de inclinação e suficiência especializada para o grande cometimento do Plano de uma Geografia Geral do Ceará, semelhante ao de História traçado por Pompeu Sobrinho.

Por sua vez, permanecem nos primeiros remígios as procuras mais ordenadas da Antropologia, no âmbito desta Casa de Barão de Studart. É recente a sua inclusão no conjunto de nossas atividades especializadas e por isso se justificará a nossa ausência em tão vistoso e atraente campo das Ciências do Homem. Pompeu Sobrinho levou para o túmulo muitas das nossas perspectivas na organização do Plano de Antropologia no Ceará, mas Carlos Studart Filho, José Parsifal Barroso, D. Zélia Camurça e outros teriam parte obrigatória nessa emprêsa ingente e imprescindível.

Vê-se que o Instituto do Ceará está em grave débito para com as suas responsabilidades e o seu renome. Já dispõe das armas com que combater, instalado em sede própria e condigna, dispondo de rica biblioteca e valioso arquivo, porém lhe está faltando o comando da nova e imperiosa investida. O que se há produzido aqui, afora a Revista, esta ainda sem o devido método de seleção e distribuição de matéria; é mais contribuição individual dos sócios do que do sodalício por si mesmo.

Temos de nos convencer dessa realidade, se não quisermos continuar no compasso da rotina, e a solicitação sincera às nossas energias íntimas sei que nos dará resposta confortante. Muitos dos nossos já estão cansados e outros vão cansando, momento a momento, ao pêso de chumbo do tempo. Outros, menos extenuados, preferem fazer brilhar lá fora as luzes de suas inteligências, mas creio, se conclamados, hão de fazê-las cintilar no programa nôvo que as circunstâncias estão a exigir. E então, vencido o ranço de uma tradição de ferrugem, que estraga e empece as rodas da máquina de 1887, o que nos vai caber é pedir sangue nôvo para as nossas veias, a fim de que se não esclerosem, o sangue da coragem jovem, dos estudiosos

moços que viriam para estas salas, bem escolhidos e tomados de incitante entusiasmo.

Ou o Instituto se renova na sua estrutura e métodos, ou não se livra do bolor do misoneísmo que enerva. Dir-se-á que nos garantem e euforizam tradições gloriosas e não será preciso mais, porém é no intenso desejo de assegurá-las no futuro que se requer a renovação. Uma renovação que não seja mera inovação, mudar só por mudar para que fique diferente.

Espero que me compreendam, recuem os olhos para 1887, com a cidade de 26 mil moradores, e os voltem para hoje, com a cidade de um milhão dêles. Em 1887, eram 12 os membros do Instituto. Agora são 30, e caímos na evidência da desproporção. Nunca entendi por que se limite em instituições como a nossa o número de sócios, só por amizade a uma fórmula superada e ilógica, que isola o grêmio numa augusta tôrre de marfim, quando o mundo moderno não admite mais essa espécie de tôrres vaidosas. Lá fora braceja e anseia uma juventude que não é ùnicamente de *hippies* e cabeludos, e sim uma mocidade dos laboratórios e das pesquisas de tôda sorte. Uma viva e estuante mocidade que estuda História, estuda Geografia, estuda Antropologia e à qual não se oferece o convite duma participação direta no que o Instituto pretende concretizar. Por quê?

Aproveito-me destas palavras de Luís Sucupira: "Aumentaram, por sem dúvida, com a posse desta maravilhosa sede, as nossas responsabilidades. Precisamos, daqui por diante, abrir as nossas portas não apenas aos nossos companheiros mas a quantos desejem o convívio com os nossos livros, com os nossos documentos, porque uma instituição como esta deve ser um centro não apenas de armazenamento mas de divulgação cultural, intelectual, moral e estética. Há mister, sobretudo, atrair-se a mocidade para o salutar convívio com a esplendorosa herança acumulada nesses oitenta anos de sedimentação de conhecimentos, espelhados ou conservados na imensa biblioteca pacientemente acumulada, graças ao esfôrço beneditino dos que nos precederam (...) Assim, em vez da desalentada conclusão de Eduardo Herriot — *nous n'avons plus la jeunesse avec nous* — precisamos convencer-nos de que a mocidade estará conosco, desde que lhe acenemos com os encantos da Mestra da Vida e lhe mostremos que as boas companhias intelectuais predispõem e animam para as grandes conquistas aos embates em que se empregam como armas o saber e a inteligência bem cuidada."

Meus Senhores:

Preside-nos atualmente um homem de alta cultura, velho componente da agremiação, nela entrado por seus méritos inconcussos desde 1928, sendo portanto o nosso companheiro mais antigo. Ao entrar, veio preencher a cadeira de que fôra ocupante um dos fundadores e o primeiro presidente, o des. Paulino Nogueira. E perten-

ce, honrando-a, à linhagem doutro fundador e também presidente, o Barão de Studart. Por tudo isso, lustra-se de autoridade válida para assumir a comandância do a que chamaremos a *Marcha Nova do Instituto do Ceará*.

Nós outros soldados, e os que vierem, o ajudaremos na conquista do ideal da renovação, no que eu acredito, juro e rejuro que acredito, quando vejo estamos sabendo cadinhar a matéria-prima, o ouro mais puro com que adornamos o nosso esquema de sócios atuantes.

Neste momento recebemos mais dois, e a mim, para orgulho meu, veio-me a incumbência de saudar a um dêles — o Dr. Oswaldo de Oliveira Riedel. Para saudar uma das mais formosas e robustas culturas mentais do Ceará contemporâneo.

Nascido em Curitiba, Estado do Paraná, acabou fundindo-se com as soldas do coração ao nosso meio intelectual e social. Casado com cearense e tendo filhos cearenses, acarinhou-se com o Ceará. Em sua cidade natal fêz o alicerce humanístico, construindo-o cuidadosamente com os granitos de uma firme formação pedagógica e os de sua aptidão intelectiva de superior quilate. Freqüentando ginásio alemão, aprendeu corretamente a língua alemã, tanto quanto em contato diário com família inglêsa sua vizinha passou a dominar o idioma de Shakespeare. Senhor do Grego e do Latim o pai — Hugo Oswaldo Riedel — fê-lo seguro conhecedor dessas línguas clássicas. Por si, estudou outras, inclusive o tupi. Formou-se em Farmácia pela Escola desta especialização da Faculdade de Medicina do Paraná, em 1934; e, vencendo brilhante concurso, ingressou no Corpo de Farmacêuticos do Exército, indo de logo cursar a Escola de Saúde do mesmo Exército, no Rio de Janeiro. Em 1950 diplomou-se pela Escola de Medicina e Cirurgia da antiga capital da República. No quadro de Farmacêuticos serviu de 1936 a 1953, ano em que se transferiu para o Magistério Militar, no qual atingiu o Generalato e se reformou em 1965. No Colégio Militar do Ceará ensinou de 1936 a 1938, ora ministrando aulas de inglês, ora de Ciências Físicas e Naturais, ora de Física. De 1953 a 1961 foi professor da Escola Preparatória de Fortaleza. Fora do magistério militar, foi professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, de 1937 a 1944. Difícil contar as comissões que exerceu e os cursos de extensão universitária que freqüentou, tais como o de Bacteriologia e Imunologia, do prof. Abdon Luís, de Clínica Médica, do prof. Martinho da Rocha, de Nutrição Aplicada, do prof. Rubens de Siqueira, de Endocrinologia Sexual Feminina, do prof. Gerson Lago, de Problemas de Clínica Obstétrica, do prof. Jorge Rezende, de Tisiologia, do prof. A. Ibiapina, de Radiologia Clínica, do prof. A. Guilherme, todos no Rio de Janeiro; de Atualização de Pediatria (Curso Nestlé) no Recife, de Liderança de Conferências (Curso Esso-Standart), de Atualização de Pediatria (Curso Nestlé) em Fortaleza, de Desordens Psicopatológicas na Infância, do prof. Walter Teles, de Alergia Infantil, do prof. E. Bruno

Negreiros, no Rio de Janeiro, e Curso de Emergências Neonatais, da Faculdade de Medicina do Ceará.

Inúmeros são os seus trabalhos publicados e as conferências proferidas, todos de assuntos técnicos, magistralmente elaborados. Exerce em Fortaleza a clínica pediátrica. É reputado nesse mister profissional.

Não será preciso dizer mais — e mal estou sintetizando o seu *curriculum vitae* — para evidenciar quanto é jovial, versátil e buliçoso o espírito de Oswaldo Riedel, ampliando-se em conhecimentos vários, mas enraizado no subsolo vigoroso de uma acumulação frondosa conseguida pela tenacidade e justa aplicação das fôrças invulgares do seu talento. Muito raras as culturas de tal porte, que se escondem na modéstia do dono, modéstia que se mistura e combina às boas maneiras e ao cavalheirismo natural das pessoas bem formadas de temperamento e de educação social. Conhecemos todos êstes seus atributos, explicação maior da estima e aprêço em que o guarda e tem a coletividade em que vive.

Recebemo-lo no Instituto tal como é, e isto basta para nos dar a certeza do valor inestimável de sua colaboração. Seus ombros serão um dos suportes do edifício nôvo do Instituto nôvo. A sua reconhecida disposição de trabalho, a sua sabedoria aprimorada, os seus inerentes impulsos de realização vêm ao serviço desta Casa qual mensagem auspiciosa que ela recebe em festa, crente e rejubilada.